

Zona de emergência de infâncias: um tempo, uma experiência e tantas vidas

Children emergency zone: a time, an experience and so many lives

Zona de emergencia infantil: un tiempo, una experiencia y tantas vidas

Renato Noguera - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ | Instituto Multidisciplinar | Nova Iguaçu | RJ | Brasil. E-mail: renatonoguera@gmail.com | 

Luciana Pires Alves - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Uerj | Faculdade de Educação da Baixada Fluminense | Duque de Caxias | RJ | Brasil. E-mail: lualpires@gmail.com | 

Resumo: Este artigo se responsabiliza em articular um caminho para compreender, narrar e praticar as Zonas de Emergências de Infâncias - ZEIs. Conceituação surgida nas situações de pesquisas entre crianças e adultos em circunstâncias de espaços oficiais de educação pública - escolas de Educação Básica e Ensino Superior de periferias urbanas na Baixada Fluminense - Rio de Janeiro. As ações são do Coletivo Infâncias (UERJ-FEBF e UFRRJ) núcleo de estudos e intervenções do grupo de pesquisa AFROSIN-UFRRJ. Defendemos as ZEIs como dimensão aberta das conexões, conversações e experimentações que dão margem ao desconhecido em vias de reconstrução somadas aos blocos de sensação, devires, atravessamentos estéticos e *transindividualidades*. As ZEIs oferecem consistência para uma *zona* (esfera de indeterminação) *de emergências* (surgir de forma autônoma e temporária) *de infâncias* (blocos de sensações e prazer estético que nos atravessam). Procuramos articular elementos pluriversais que produzam uma viagem possibilite a quem lê o contato com o movimento teórico-prático em constante recriação de nós mesmos.

Palavras-chave: Tempo. Pluriverso. Experiência. Disparadores e infâncias.

Abstract: This article is responsible for articulating a way to understand, narrate and practice Childhood Emergency Zones - ZEIs. Conceptualization that arose in research situations between children and adults in circumstances of official public education spaces - Basic Education and Higher Education schools in urban peripheries in the Baixada Fluminense - Rio de Janeiro. The actions are of the Coletivo Infância (UERJ-FEBF and UFRRJ) nucleus of studies and interventions of the research group AFROSIN-UFRRJ. We defend ZEIs as an open dimension of connections, conversations and experiments that give rise to the unknown in the path of reconstruction added to the blocks of sensation, becoming, aesthetic crossings and transindividualities. ZEIs offer consistency for a zone (sphere of indeterminacy) of emergencies (appearing autonomously and temporarily) of childhoods (blocks of sensations and aesthetic pleasure that pass through us). We seek to articulate pluriversal elements that produce a journey to enable those who read the contact with the theoretical-practical movement in constant recreation of ourselves.

Keywords: Time. Pluriverse. Experience. Triggers and childhoods.

Resumen: Este artículo se encarga de articular una forma de entender, narrar y practicar las Zonas de Emergencia Infantil - ZEIs. Conceptualización que surgió en situaciones de investigación entre niños y adultos en circunstancias de espacios de educación pública oficial - Escuelas de Educación Básica y Educación Superior en periferias urbanas de la Baixada Fluminense - Rio de Janeiro. Las acciones son del núcleo de estudios e intervenciones del Coletivo Infância (UERJ-FEBF y UFRRJ) del grupo de investigación AFROSIN-UFRRJ. Defendemos las ZEIs como una dimensión abierta de conexiones, conversaciones y experimentos que dan lugar a lo desconocido en el camino de la reconstrucción sumado a los bloques de sensación, devenir, cruces estéticos y transindividualidades. Las ZEIs ofrecen consistencia para una zona (esfera de indeterminación) de emergencias (que aparecen de forma autónoma y temporal) de la infancia (bloques de sensaciones y placeres estéticos que nos atraviesan). Buscamos articular elementos pluriversales que produzcan un recorrido que posibilite a quienes leen el contacto con el movimiento teórico-práctico en constante recreación de nosotros mismos.

Palabras clave: Tiempo. Pluriverso. Experiencia. Desencadenantes e infancias.

Introdução

A vida imaginária não é isolável da vida real: são o concreto e o mundo objetivo que alimentam constantemente o imaginário e que o permitem, legitimam e fundam. A consciência imaginária é certamente irreal, mas ela se nutre do mundo concreto. A imaginação e o imaginário só são possíveis na medida em que o real nos pertence. (Franz Fanon)

O que desejamos fazer aqui é uma roda de conversa, um polidílogo - como nos diz o filósofo sul-africano Mogobe Ramose. Nós apostamos numa jornada coletiva, num caminhar colaborativo. Buscamos as (nossas) vozes mais infantis, não no sentido da criança que fomos, ou ainda, tão somente o reconhecimento das crianças com que aprendemos a pesquisar. Nós possuímos interesses que se aproximam bastante daquilo que Frantz Fanon fez em seus cadernos de campo, uma das nossas inspirações está na leitura dos seus diários que recobriam as dimensões sociais do sofrimento psíquico.

O objetivo do nosso trabalho é relatar uma pesquisa em curso. Estamos construindo um tipo de jornada, um tipo de aventura que pode ser feita sem receitas em casa, na escola, no hospital, na praça pública e em quaisquer paisagens, estamos de acordo com algumas propostas de infancialização, isto é, acessar a infância como uma condição de experiência humana biofílica (NOGUERA; BARRETO, 2018; NOGUERA; ALVES, 2020). Em outras palavras, apostamos na infância como um modo de vida. Zona de Emergência de Infâncias (ZEI) é um processo que pode ser realizado em qualquer lugar, a qualquer momento. Mas, que não deixa de ser um exercício cheio de “protocolos”, marcado por muita concentração e bastante cuidado. O que está em jogo aqui é um convite, nós convidamos quem lê para fazer esse percurso indefinido. Porém, ainda que o caminho se faça caminhando, nós temos uma bússola, o que nos orienta é a infância. Nós buscamos a infância como um processo, não como algo cristalizado e que se conquista. Apostamos que a infância pode ser um caminho que aumente o nosso desejo, nos permita pensar e inventar realidades necessárias. Desejamos realidades infancializantes que promovam desejos compartilhados, interesses partilhados e projetos para um mundo multiplicado. ZEI não é uma generalização, tampouco opera com o seu oposto supostamente filosófico, a universalização. ZEI é pluriversal por excelência. Ora, pluriversalidade é o reconhecimento de que existem muitos universos. O dilema entre a filosofia, a ciência versus o senso comum não é a nossa

questão. Aqui não se trata de opor o conceito universal (filosofia e ciência) contra a opinião generalizada e banal (senso comum). ZEI é pluriversal por excelência, isto é, as cosmovisões são concomitantes e variáveis, mas, estão além do relativismo e do perspectivismo. O que está em jogo se situa além do perspectivismo. O tema é trabalhado por Mogobe Ramose. Um sistema pluriversal reconhece as particularidades e não opera pela exclusão, opondo uma perspectiva válida contra as outras que seriam “falsas”.

Nosso objetivo é desenhar alguns aspectos relevantes da ZEI, “oficializando” a sua implementação como um recurso pluriversal e que pode ser adotado em diversas instituições, fora delas e por pessoas e grupos que tenham interesse em elaborar maneiras criativas e colaborativas de enfrentar os desafios cotidianos. ZEI pode ser um recurso usado na escola que envolva as crianças, jovens e adultos, reforçando a tarefa da educação como processo de infancialização (NOGUERA; BARRETO, 2018).

O tempo - Irôko Issó - em relação ao senhor das tardes enigmáticas...

Um dos mais célebres pensadores africanos da Idade Média, Aurélio Agostinho, que ficou mais conhecido como Santo Agostinho ou, bem frequentemente, Agostinho de Hipona, foi um dos mais enfáticos na interpretação do tempo como um sentimento. Agostinho dizia “medimos a passagem do tempo, enquanto sentimos” (AGOSTINHO Santo, 1996, p. 325). Alguns séculos mais tarde, o martinicano Frantz Fanon escreveu, entre 1951 e 1960, uma série de textos que foram reunidos e se transformaram na obra *Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos*. No tópico intitulado, “Ontem, hoje e amanhã”, encontramos algumas considerações que merecem atenção: “É preciso que o passado, o presente e o futuro constituam os três interesses predominantes da pessoa e é impossível ver ou realizar qualquer coisa de positivo, de valioso ou de duradouro sem levar em conta esses três elementos” (FANON, 2020, p. 266). Pois bem, diante dessa formulação fanoniana, ocorre-nos uma questão: qual é o tempo da infância? Ou melhor, qual é o tempo da infância numa Zona de Emergência de Infância (ZEI)? A infância não deve ser apenas memória, ainda que não possa se separar dela se estamos a tratar de gente adulta. Mas, isso não significa que a infância seja restritamente o aqui e agora. Tampouco, devemos investir todas nossas forças num sonho de esperança, o que nos tornaria um tipo de gente presa “à espera, à esperança, ao futuro” (FANON, 2020, p. 265). O tempo da infância deve levar em conta a memória, a presença e o futuro - entendendo que essas medidas se dão junto com o que sentimos.

Na esteira de Santo Agostinho, o tempo é um sentimento, isto é, uma condição subjetiva ou um modo de experimentar as mudanças. Diante disso, o tempo da infância deve articular esses três elementos: passado, presente e futuro. O tempo é uma composição, o tempo da infância pode ser compreendido como um modo de experimentação, como desenvolveremos mais adiante. Mas, vale dizer que no contexto das ZEIs, o tempo da infância não é algo que se recupere ou algo que se invista como um alvo ou porto de chegada; mas, um território de encontro. O tempo da infância está justamente em assumir que as mudanças são ininterruptas e que não devemos desprezar o passado, o presente e nem o futuro. O que também é uma compreensão de que não se deve idealizar o passado e nem o futuro. Não é raro, que o tempo da infância seja associado ao mito de uma futuridade. Aqui desejamos trabalhar com o tempo integrado, compreendido como uma experiência do sujeito inseparável, buscando ainda o tempo da infância, sem que seja alguma coisa do passado ou somente do futuro; mas, tampouco do presente. Nós clamamos pelo tempo da infância que não separa o que aconteceu do o agora e do que virá.

A experiência - um tempo que passa

Por que nos embrulhar na beleza do mar, por que nos consolar com o lamento das ondas quebrando, se, em verdade, tecemos essa roupa por puro terror, urdimos essa vestimenta para nada? (Virginia Woolf, 2013)

Não há tempo sem a percepção dele, o vivente cria seu tempo e espaço fazendo emergir seu meio (mundo), através da emissão e do recebimento de sinais. Nós sentimos o mundo através das vibrações produzidas e recebidas. Assim como o espaço, o tempo depende da sensibilidade visceral do ser. A experiência é o senso de existir no tempo, no espaço, no dentro, no fora. A percepção do tempo varia segundo a individuação vital correspondendo ao número de momentos que os sujeitos vivem num mesmo intervalo de tempo. Segundo Uexkull (1960), a duração do movimento humano flui em 1/18 do segundo, o momento do caracol flui num ritmo de três a quatro momentos por segundo, para eles os fenômenos do movimento se passam muito mais rapidamente o que para nós. Do ponto de vista da vida, mais do que todos ao mesmo tempo, a experiência temporalizante é da ordem da variação, da diferença. Entre diferentes temporalizações, entre diferentes ritmos e compassos sentimos que nos encontramos em sincronia

ou nos tencionamos na diacronia. O vivente faz emergir a si e a seu mundo numa relação autopoiética na qual percepção é ação de inventar territórios existências.

Na esfera humana, atuam a individuação individual, social e a individuação do grupo como aponta Simondon (2020), um só é sempre composto por tantos e esses tantos de muitos mais de múltiplas naturezas e em plurifasados. Assim, como atribuir tanto valor ao mesmo? O culto ao único, ao mesmo e à repetição só faz sentido num processo de subjetivação da colonialidade. No processo amplo e movente da percepção que Fanon aponta para a relação das pessoas face ao mundo e ao tempo. A leitura dos diários de campo de Fanon aponta para a riqueza de sua relação com a noção de pessoa, mais até do que o próprio conceito de sujeito. A pessoa, unidade indissolúvel da experiência, nas anotações da prática de Fanon (2020, p. 315), nos remete aos diferentes lugares da intervenção, de forma cuidadosa, nos afasta das confrontações do si mesmo, seu leitor jamais é convocado a responder por si, mas sim, mobilizado a se perceber nos diferentes espaços e tempos de atuação com o mundo. Ao ler os escritos de Fanon (2020), ocupamos os lugares de seus pacientes, quem de nós não encarna algumas das feridas da colonização? Nos vemos em nossas práticas institucionais, quando o autor se pergunta a respeito de nosso engajamento na mudança e transformação das realidades. Isso inclui a responsabilidade formativa com as pessoas com as quais dividimos nosso cotidiano, somos responsáveis pela formação de nossos pares segundo Fanon (2020).

Sem desconsiderar a importância e o valor da memória, o autor aponta para os perigos dos imaginários fixos e para sentidos arraigados. Ao ocupar-se da produção de abertura e invenção, ao pensar as pessoas em face das coisas, Fanon (2020) destaca: **1-** a pessoa diante da distinção entre as pessoas e os objetos: a intersubjetividade que demanda responsabilidade diante do outro; **2-** a pessoa e a importância do cotidiano, partindo do comum e habitual em que poderão surgir as vias criativas; **3-** a pessoa e o transcorrer do tempo (passado, presente e futuro), o desafio de perceber a repetição infrutífera, o presente engajado e não encerrado sobre si mesmo: “É preciso que o passado, o presente e o futuro constituam os três interesses predominantes da pessoa e é impossível ver ou realizar qualquer coisa de positivo, de valioso ou de duradouro sem levar em conta esses três elementos” (FANON, 2020, p. 267).

Nossas ZEIs se alimentam dessa perspectiva: dos múltiplos agenciamentos da pessoa; do tempo e da experiência com o viver. “Uma pessoa em vias de [...]” (FANON, 2020, p. 315) sem determinismo e sem abandono, tomar “uma pessoa em vias de...” é estabelecer uma alteridade

nas aberturas e nos possíveis. Poder relatar o que se passou a seus olhos (não o passado de alguém, mas o passado para alguém); o presente como instante do fluxo do tempo que passa e a atenção necessária a ele, e o futuro que ganha a precisão ao afastar-se do delírio puro, da alienação. Um futuro em vias de acontecer que se passa consigo, e não de posse ou como posse de outrem, o colonialista, o capitalista, o misógino. A reabilitação da pessoa diante dos próprios olhos, um experimentar do real que retire o próprio dos lugares de opressão, de desqualificação que mina as forças da pessoa. Tomar de volta a própria potência, a dimensão maquínica da libertação dos dispositivos coloniais que nos parasitam como doenças do ser.

A assunção da fragilidade como força e do bélico como fraqueza e a inutilidade da brincadeira permitem estar com o outro que revela (como na fotografia) a pessoa a si mesma, a dimensão pessoal é coletiva:

A pessoa deixa de ser um fenômeno a partir do momento em que encontra a face do outro. É o outro que me revela a mim mesmo. [...] O que implica dizer que a pessoa sã é uma pessoa social. O que implica dizer ainda que a medida da pessoa sã, psiquicamente, será sua mais ou menos integração ao *socius* (FANON, 2020, p. 316).

A experiência vital que se amplia e enriquece junto ao *socius*, a subjetividade se põe em movimento e retoma a crença em si mesmo e no mundo. Nas ZEIs, assumimos o caráter parcial e político da narrativa, revelar o outro é investir nas circunstâncias, nas mudanças de possibilidades de ficcionar a si. O corpo coletivo e os organismos de estado. O rigor e a precisão da vagabundagem do bando e do nomadismo do corpo (corporeidade). Há ciências ambulantes, itinerantes, que consistem em seguir um fluxo num campo de vetores no qual singularidades se distribuem como outros tantos “acidentes” – problemas (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 40). Contra os pensamentos arraigados! Quais forças se ocupam dos aparelhos de captura hoje? Para quem eles trabalham? A guerra contra a cafetinagem do capital. As micropolíticas reativas e a tomada pela aliança liberalismo econômico e conservadorismo dos costumes.

Fanon assume a dimensão maquínica do desejo. Junto a diferentes leituras, podemos perceber a importância da criação da pessoa e da sua ambiência e nos investimentos, nos percursos com “travessia, mitologia pessoal e estranhamento” (CARVALHAES, 2012, p. 25). Com esses elementos de percurso, podemos desmontar os clichês que grudam na percepção e nos impedem de seguir e sentir as pulsações. Um Fanonantiédipo aponta para o que Deleuze e Guattari afirmam: “Os agenciamentos são passionais, são composições de desejo. O desejo nada

tem a ver com uma determinação natural e espontânea, só há desejo agenciando, maquinando.” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 78).

Para isso, precisamos ampliar os expedientes narrativos e de experimentação. As práticas discursivas do silenciamento e da repetição procuram capturar a travessia subjetiva e a experiência vivida. A esfera discursiva em nossa sociedade é repleta de forças de captura, na condição feminina, por exemplo, o silenciar do desejo e da experiência é algo extremamente arraigado em nosso imaginário. É ensinado às meninas que se é considerada “moça de família até a barriga crescer”. A travessia pela experiência da sexualidade precisa ser sozinha? O que nossa cultura ensina: silenciar diante do abuso, das dúvidas, das consequências? Quando a barriga cresce, a experiência se evidencia. A partir do testemunho do corpo, o contexto social expulsa da infância: “criança que faz criança, não é mais criança”. Nesse momento, se manifesta a importância política da mitologia pessoal, do expediente narrativo de contar de si, da conversa, do compartilhar a vivência. Assim, temos o terceiro momento, o estranhamento: quando o banal e o cotidiano passam a incomodar, a não normalizar a opressão e reativar a experiência no fluxo vital do vivente, quando a pessoa encontra nas outras *relações de compreensão* (FANON, 2020, p. 371).

Aos meninos é ensinado a não chorar, não demonstrar fraqueza, que também é não contar. Não poder relatar a si, dizer das travessias, das dores e violências do processo de viver. Há aparelhos de captura quando o não cronificado se instaura sem que a pessoa possa encontrar expediente narrativo. A mitologia pessoal fixa no tornar-se sujeito homem ou homem feito, não é menos violenta. Quanta travessia solitária existe quando não há caminhos para se contar ou ouvir o que se passou com a pessoa desse processo? Sem em uma esfera compreensiva não encontramos os gatilhos ou disparadores para o estranhamento, outra vez, o mesmo se torna crônico ao se instaurar repetidamente.

Nossa prática institucional não é a clínica inventiva como a de Fanon (2020) que instaura o Café Mourisco e retoma o narrador da itinerância nômade para seus clientes ou a usina inventiva de La Borde de Guattari. Nossa instituição é a escola, nela os disparadores inventivos de maior força são o conhecimento e a arte. Os cotidianos escolares são um campo a ser vivido, a ser inventado diariamente através de múltiplas práticas que corporificam ou, possivelmente, corporificam uma máquina de guerra contra colonial. Nosso corpo comum insurreto enfrenta as formas de cronificar através da produção de indiferença diante das dimensões sociais do

sofrimento. Desmontar, confrontar, denunciar, decodificar entre outras operações da desconstrução para traçar territórios existenciais ao criar coletivamente novos/outros disparadores para a vida, nas palavras de Deleuze e Guattari: “traçar uma nova aceitação, o contrário de uma renúncia ou de uma resignação, uma nova felicidade?” (DELEUZE; GUATTARI, 1997. p. 81). Traremos aqui, anotações, imagens, conversas, interrogações, situações de nossos cadernos de campo que relatam nossas tentativas de fazer emergir nossas Zonas de Emergência de Infâncias. Nossa abordagem investe em duas aproximações, uma diz respeito ao que Couchout (2018) chama da naturalização da arte que ocorre segundo a presença da arte em nossos cotidianos através da fruição do prazer estético e assegura a continuidade entre a arte e a vida. A outra é a experiência como enação, a invenção vital da subjetividade e seu território existencial que, acoplados estruturalmente, fazem emergir a experiência de corpo presente. Na abordagem que tem como pioneiros Humberto Maturana e Francisco Varela, a experiência perceptual é vivida, perceber é agir e agir é ter força para criar um mundo. A prática política institucional que permeia os diários de Fanon (2020) é um chamado à busca obstinada a habilitar as pessoas (senso de si e mundo próprio) a seus próprios olhos ao retomarmos nossa crença em nós e no mundo que temos em comum. A sua política da percepção é de uma retomada de força do viver, desfazendo os fantasmas da colonização que reincidentem em nos abalar:

Quando uma experiência vital dada, ativa ou sofrida, determinou o equilíbrio afetivo, o repouso motor e o esvanecimento dos fantasmas, dizemos por definição, que o desejo foi saciado e que essa experiência foi o fim e o objeto do desejo. [...] De fato, a experiência vital em que se reconhece o fim do desejo é essencialmente social e sua origem, em seu exercício e em seu sentido (FANON, 2020, p. 371).

O problema não é uma experiência chegar ao seu fim. O desejo, força motriz e matriz do vivente, segue seu fluxo e as potências se efetuam todas ou não. A imaginação não é escrava do ato ou as virtualidades têm a obrigação de acontecer: quantas viagens não são imóveis, quantas paixões são só sonho? O problema político não são os limites e limiares, mas a captura e o impedimento através de um agenciamento perpétuo e crônico que cria incessantemente *Condenados da Terra*. É contra isso que Fanon (2020) nos impele a lutar.

A consecução não é imprópria à experiência, Dewey (2010), outro partidário da experiência vital como Fanon (2020), afirma que a singularização só é possível quando o material vivenciado faz o percurso até a sua consecução. Um filho que cresce, a última dose da bebida preferida, um trabalho que não mais nos diz respeito, um amor que não faz mais sentido, um

conselho que passa a fazer todo sentido. Um quadro que te toca a alma, uma música que te comove, uma voz que envolve, uma carícia incendiária, um acometimento, uma doença... Uma presença, uma nova vivacidade... Em liberdade, as mitologias das pessoas, as histórias que se contam de si, são repletas de consumação e não de cessação. Há toda uma diferença que constitui a dimensão social do sofrimento psíquico, quando a colonização opera na dimensão maquínica da subjetividade disseminando impotência e sobrecodificando a realidade. Os estudos da sexualidade de Fanon (2020) revelam uma falta de vigor e o arrefecimento dos afetos oriundos dos atravessamentos coloniais sugam a energia vital através da diluição da pluralidade dos mundos e da alteração dos modos de existência: sedentarizar um nômade; exaurir a natureza: secar uma fonte; destruir um alagadiço e explorar as riquezas. Intromissão nos modos de compor o campo político e o imaginário ao tornar inoperante as fabulações místicas das populações.

O mundo configurado pela colonização é um mundo onde tudo fica pior. A travessia, fluxo do vivente, é canalizada nos circuitos da mercadoria e da especulação. Nele, a fim de produzir acumulação primitiva, se configura uma condição naval-carcerária (CERTEAU, 1994) composta de brutais viagens do terror: os trens de condenados às câmaras de gás e aos campos de trabalho forçados. O nazifacismo, segundo Fanon (2020), é um segundo momento de uma condição já experimentada nos navios negreiros. No momento atual, temos o devir-negro do mundo caracterizado pela desmedida dor e exclusão produtoras de naufragos nas correntezas ácidas da modernidade líquida (BAUMAN, 2001). A inviabilidade da realização de si em relação aos projetos e sonhos, caracterizada a corrosão que despedaça os projetos de vida e os vínculos afetivos e produtivos, é o segundo tempo de uma orquestração da catástrofe da derrelicção quase totalmente maquinada durante a escravização negra e o abandono de nossas populações do pós-abolição.

Assim, como nossos mais velhos, seguimos o poder reticular da experiência estética que refaz os fios e os nós-chaves dos territórios existenciais atacados. Os novos fios e pontos de pertinência para a tecitura de subjetividades de resistência que só o pensamento estético negro foi capaz de compor, como afirma Guattari:

Pois bem, o jazz nasceu a partir de um mergulho cósmico, catastrófico, que foi a escravização das populações negras, no continente norte-americano e sul-americano. E, depois, através de ritornelos os mais residuais desta subjetividade negra, houve uma conjugação de ritmos, de linhas melódicas, com o imaginário religioso do cristianismo, com dimensões residuais do imaginário, das etnias africanas, com um novo tipo de instrumentação, com um novo tipo de socialização no próprio seio da escravidão e, em seguida, com encontros intersubjetivos com as músicas folk brancas que estavam lá.

Houve, então, uma espécie de recomposição dos territórios existenciais e subjetivos, no seio dos quais não só se afirmou uma subjetividade de resistência por parte dos negros, mas que, além do mais, abriu linhas de potencialidade a toda a história da música, e não unicamente à história da música norte-americana. (GUATTARI, 1993, p. 9).

Akotirene (2020) recorre às figuras da travessia do Atlântico para trazer os mapas interseccionais que a colonialidade produziu. Os espaços vazios das cartas, o verbo e o número não expressam o horror em operação. Do mar de sangue, navegamos em tormenta pelas tensões do enumerar e do narrar: quando os mortos nem viram estatística? quando os mortos não contam, paramos de contar os mortos. Quando banalizamos o desaparecimento e a exploração, as matemáticas se tornam questões políticas. A sociedade brasileira sempre lidou muito bem com o apagamento como aparelho de captura: os inumeráveis corpos das inenarráveis práticas da escravização, o apagamento do problema do cemitério dos Pretos Novos no Cais do Valongo/RJ; a relativização da dor e os desaparecidos políticos de 64; a banalização da necropolítica nos cotidianos das mães que esperam os corpos de seus filhos assassinados emergirem dos rios na Baixada Fluminense; o virar fumaça nos “micro-ondas” do tráfico. Temos também, a atual negativa de estabelecer um senso federal para as vítimas da Covid-19, ficando a cargo do consórcio dos órgãos de imprensa contar os mortos da pandemia. Somos uma sociedade com um oceano de esqueletos no guarda-roupa. A elaboração das memórias do trauma geopolítico a partir dos próprios elementos de referência é essencial para o engajamento das pessoas na mudança de posicionamento diante dos fenômenos vividos.

Itinerários de si e as mitologias pessoais não correspondem a um impedimento da compreensão das movimentações geopolíticas maiores: aprender a desfazer e a desfazer-se é essencial para retomar a autoria dos territórios existenciais. Fanon (2020) defendia um olhar que abordasse o ser como movimento “a pessoa está em vias de...”. A movimentação é mais importante que os enquadramentos explicativos, não cronificar é não fechar a instância relacional. A dimensão aberta, em ligação, experimental que dá margem ao desconhecido de Fanon (2020) somadas aos blocos de sensação, aos devires e aos atravessamentos estéticos e as *transindividualidades* (DELEUZE; GUATTARI, 1997; DEWEY, 2010; SIMONDON, 2020) oferecem consistência para o que compreendemos como uma *zona* (esfera de indeterminação) *de emergências* (fazer surgir de forma autônoma e temporária) *de infâncias* (blocos de sensações e prazer estético que nos atravessam).

Narrativa da ZEI - Atividades de Infanciação

Figura 1 - Painel de imagens composto de fotografias dos cadernos de campo dos autores, anos 2018/2019



Fonte: Acervo dos autores.

Em nossos cotidianos com as crianças, buscamos inventar disparadores para fazer emergir as ZEIs, colagens de palavras que produzam um movimento de enunciação coletiva que nos permita imaginar mil e um modos de recriar a escola; experimentar a sensação colorante, a cor não só existe para o sujeito como no colorido, mas nele produz uma vaga, uma onda colorante; o partilhar das comidas e dos mares de histórias nas mil e uma formas de narrar a vida.

Fazer passar um bloco de sensações é o sentido das ZEIs, a sensação infante que permite o afluxo dos inícios. O regaço e as zonas de conforto são lugares do íntimo que nos permitem a recriação constante de nós mesmos. Por que aprender deve evocar o desconforto e o afrontamento? Por que precisamos opor zonas de conforto às desconfortáveis? Por que precisamos insistir na hipótese de que o “avanço”, “desenvolvimento” se dá com esforço e o seu inverso é a preguiça? Por que a preguiça é avaliada como um crime?

Nós apostamos na busca de envolvimento mais do que nas teses desenvolvimentistas. Nós estamos de acordo com as provocações de Richard Louv feitas no livro *A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza*. Louv (2005) fala da carência de vitamina “N”. Por essa razão, dentre outras, a ZEI convida-nos a visitar bosques,

florestas, entrar em grutas, experimentar a umidade tropical. Em outras palavras, aprender é procurar o casulo e o ninho percebidos como territórios que nos remetem ao envoltório e à proteção em *soft assembly*. Ou seja, encaixes suaves e provisórios que permitem a passagem de um modo de nos acoplar ao mundo ambiente, a outros e de inventar nossos mundos próprios ou territórios existenciais (STERN, 2009; GUATTARI, 1993; UEXKULL, 1960). A deriva natural e as esferas de invenção constante dão conta de uma dinâmica que, se ainda podemos falar em “crescimento” e “desenvolvimento”, precisamos compreender como envolvimento com as pessoas, com as coisas, um tipo de empatia que estabelece relações de involuções constitutivas. Dito de outro modo, aninhar-se é um modo de involuirmos, porque sem retomarmos a nossa interdependência involutiva. *Soft assembly* é uma maneira de assumir a natureza.

Longe de uma configuração sufocante da clausura ou do crescimento como suplício tornar-se uma nova pessoa que passa pela compreensão dos limites em aceitação das interdições necessárias e a produção desejantes que ultrapassa limiares. É através do reconhecimento dos nossos limites que podemos dar novos passos. Não se trata tanto de avançar ou de achar um porto; mas, de envolver-se com os outros e consigo. A infância sempre passa por envolvimento.

A primeira questão da ZEI é encontrar um disparador para os envoltórios. De ele fazer emergir uma esfera de indeterminação que permita aos blocos de sensações passagem. O que ocorre quando o que sentimos, o que pensamos e o que desejamos se envolvem. O que chamamos bloco de sensações é justamente o ajuste entre sentir, pensar e desejar. Por isso, no microclima, o que mais nos importa é não espantar as confluências, tal como ensina Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo, precisamos confluir para bioteragir. A arte de confluir, isto é, de nos encontrarmos sem colonização e sem servidão é a abertura para se lançar sem medo na impermanência do mundo, no vir-a-ser, signo dos renascimentos e de infâncias como obra aberta. Portanto, o ponto de partida pode ser uma história, uma música, um tecido, a ação de mexer na argila, a nossa imagem no espelho. Como afirma Guattari (1993), são os catalisadores de um processo, de um novo fluxo vital que precisamos para criar uma zona de imunidade que entretecem subjetividades que fortalecem as existências compartilhadas. Na ZEI, a existência só faz sentido compartilhada, isto é, em confluência.

Nesse paradigma ético-estético da ZEI, a biofilia é fundamental. Em outras palavras, o horizonte ou território de valores sobre o qual a ZEI se constitui é necessariamente anti-

necropolítico. Se entendermos que a necropolítica significa a transformação vida em mercadoria, fazendo as pessoas serem descartáveis...

Nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos” (MBEMBE, 2018, p. 146).

A ZEI se confronta com o necropoder, porque ZEI é uma zona-ninho, zona-casulo, zona-útero, base de celebração e amizade com a vida. Ao invés de campos de concentração, as ZEIs criam espaços públicos em que o fluxo é livre. Por isso, nos tensionamos com o lugar do observador interiorizado do pensar apenas analítico resultante dos modos de distanciamento do mundo/outros objetivados. A ideia do filósofo alemão Peter Sloterdijk em sua defesa da retomada da esferologia como reencantamento do mundo em redondez afirma a importância da compreensão dos renascimentos. Em sua trilogia: *Bolhas, Esferas e Espumas*, Sloterdijk afirma a importância vital e política dos espaços íntimos que seriam bolhas nas quais nos ligamos existencialmente e, ao longo do tempo, as ampliamos, as conectamos, as interconectamos. As bolhas criam zonas de imunidade. Nós existimos através delas e em nossas esferas, em nossas densas redes de significações compartilhadas que constituem nossos aliados íntimos ou nossa comunidade insuflada (SLOTERDIJK, 2016). Não podemos abrir mão desses encontros, a ZEI é sempre um lugar de encontro.

Ao dedicar o pensar, o pensamento, a fascinação pela proximidade, o pensador aponta para diferentes tradições em relação ao útero e às forças da interiorização e do invólucro. Entre elas as fabulações de diferentes tradições sobre o horizonte de êxtase (Céu) e o núcleo da Terra (as grutas que guardam a riqueza). Os renascimentos evocam, para o autor, a magia da vulva. Deslocando a abordagem banalizada da instrumentalização erótico-sexual, estando diante de Yoni que abre a possibilidade do afluxo, de retornar através do limiar de volta através de paredes de canais elásticos que nos levam ao regaço uterino, lugar dos tesouros dos inícios. Nos céus e nas cavernas originais estamos em Yoni, palavra do sânscrito (योनि) que significa "passagem divina", "lugar de nascimento", "fonte de vida", "templo sagrado" e ainda o órgão sexual feminino (SLOTERDIJK, 2016). Ao referenciar o feminino em Yoni ou em Nut, o autor nos remete a povos que não vivem a mulher como solo fértil para a plantação do patriarcado. Longe do cultivo e da pertença à família sedentarizada e pastoral, habitamos a esfera estelar dos prazeres de elevação e as grutas/cavernas de proteção do vital e fonte das riquezas. A sedentarização e o

patriarcado com suas palavras de Ordem: o acúmulo a possuir, a terra a cultivar, o território a pertencer alterou a condição do feminino que se tornou assujeitada pela lógica plantio: enraizamento e ruptura. O modo de produzir a vida expulsou as mulheres das abóbadas celestes do prazer e da dor e fomos relegadas à condição de bem comum e substitutas das terras perdidas e fatiadas pelo patriarcado e pelo capitalismo (FEDERICI, 2017) sujeitas à exploração da riqueza de nosso ser e de nossa prole, configurada em força de trabalho.

Destinadas à exploração, os corpos femininos não mais guardam a riqueza de Alexandrita ou Hello, princesas da cultura eslava que representam o segredo das grutas e pedras preciosas a quem se murmuravam palavras-passe: senhas para seus secretos jardins. No presente, as mais sensíveis escutas ainda são capazes de captar as lágrimas de Esmênia e Antígona, em busca da caverna derradeira onde jaz incógnito seu pai Édipo em terras estrangeiras. As igrejas católicas se encontram também embebidas das lágrimas de Maria, a paradoxal mãe-virgem, cujo filho ressuscitara em uma caverna sagrada. Dos tempos celestes, ainda nos restam, na fria e cruel tecnocracia do capital, a prática de usar senhas: palavras mágicas para dar acesso às contas bancárias, dispositivos digitais e outros lugares de valores e segredos. Das diferentes Deusas tradicionais Sloterdijk (2016) converge com os estudos de Clyde W. Ford que se alimenta do pensamento kemético (cosmovisão do Egito antigo), atribuindo especial atenção à deusa Nut:

Figura 2 - Deusa Nut



Fonte: Nut - deusa egípcia. Egito antigo. 2019. Disponível em: <https://www.egitoantigo.net/nut-deusa-egipcia-representava-o-ceu.html>. Acesso em: 5 set. 2020.

Segundo a mitologia kemética, sob os céus de Nut se encontram não só a mais diversa natureza dos vivos, como também os mortos:

No mundo mais antigo, ser racional era, sobretudo, reconhecer que aquele que atravessa o portal em direção ao interior deve separar-se da vida que levou até então - seja por uma morte simbólica, como a ritualizada nas iniciações, seja pelo passamento real. Ambas as mortes parecem poder ser superadas, confiando-se que o falecimento, se for mantido o procedimento, sempre favorece um retorno ao mundo interior da mãe. Todos os que buscam a verdade na era metafísica são, portanto, por sua própria motivação, seres que retornam ao regaço. Estão em busca de algo que, à primeira vista, parece fora de alcance: ligar o fim da busca ao início da vida e, por meio de combates radicais contra si mesmos, reverter o nascimento (SLOTTERDIJK, 2016, p. 252).

Em priscas eras, a refetalização era vista como uma experiência que permitia a consciência de passagens entre as esferas. Antes do culto moderno ao exterior absoluto e às navegações mar afora, a travessia rio adentro correspondia ao percurso do conhecimento feito apenas pela passagem de um envoltório estreito a uma proximidade ampliada. O sofrimento e a violência resultavam de uma troca malsucedida de envoltórios, o desenvolvimento correspondia à ampliação das esferas de proteção, passando de um espaço-regaço a outro espaço-regaço.

Podemos perceber o trajeto das relações de poder a partir da relação com os ímages que usamos para representar a vida, da uterogênese e placentogênese às imaginações falocêntricas da agricultura sedentária; dos braços fortes e falo potente para o acúmulo e cultivo de terras e filhos para os paradigmas velozes e industriais com linhas férreas e projéteis de aço que circunscrevem o corpo humano à condição de fragilidade. Seguir no contra fluxo desse processo, exige ampliar as redes de conhecimento eco-etológico e ao reconhecer a condição de fragilidade compreender as relações de força presentes em nossas fabulações místicas, míticas e maquínicas.

Entre as máscaras Dogons, La Mariée de Duchamp, Apolo XI, a mais opulenta catedral e o mais sofisticado e veloz dos chips, não se estabelece uma relação evolutiva ou originária, mas sim a elaboração humana de nossas tensões, riquezas, forças, fraquezas, misérias e maravilhas. Conhecer, viajar, atravessar, instruir-se requer reconhecer que transitamos, não pela busca da verdade única e vitoriosa, mas pelos mares, rios, repletos de vagas e reviravoltas, nos quais permanecemos sob a ação dos mitos que “Insólitos ou banais, suas constelações de ímages governam o mundo moderno” (CARROUGES, 2019, p. 15).

A permanência de uma fabulação longe de ser signo de um atraso ou primitivismo, somos maquinistas, maquinados e máquinas de invenções de mundos próprios. Isso é o que nos leva para o centro nervoso da disputa, que não é por uma verdade mais profunda, mais a de melhor

funcionamento, de performance mais apropriada para a demanda colocada no horizonte. Ao esmiuçar os transtornos sexuais no norte da África como uma das dimensões do sofrimento social que a colonização criou, Fanon (2020), na década de 1950, colige um conjunto de relatos de incrível proximidade com os dilemas, conflitos, acusações presentes no cotidiano das religiosidades das classes populares das regiões urbanas no Brasil até os dias atuais. Seus relatos tem como ponto focal todo o drama entorno da amarração sexual. As redes de fios e nós que antes, atavam e desatavam, as dinâmicas afetivas e sociabilidades com limites, interdições, relações de força de cadeados abertos e fechados. A leitura fanoniana torna visível os nossos modos de significar aceitação, sedução e terminalidade que foram perdendo o terreno com a política mundial imposta, restando o amargo estado de desconfiança do próximo. Estado esse difícil de alterar sem macular a grandeza do sagrado tão importante para uma cultura de resistência. A escuta ampla e refletida de Fanon (2020), que ele chamou de núcleos de crença, revela o trajeto interno do pesquisador, que sem abrir mão de sua responsabilidade com o outro, acolhe os sujeitos e seus mundos e aponta que todo um sistema mundo estava deixando de ter força e potência diante da cruel geopolítica que violentava as redes de significação dos territórios.

A guerra entre nós esconde a maquinação que se interpunha e o segredo-chave da desamarração, do desacorrentar da percepção e da imaginação que abre espaço para uma nova ternura e confluência. Até lá, seguimos na construção de outros mundos e os alguns iniciados decodificam o sentido cifrado que Pai Benedito canta a Santo Antônio:

Meu Santo Antônio da Ribeira,
Olha esse mundo como está
Quem me abraçava antigamente (meu Santo Antônio)
Hoje quer me derrubar. (2x)
Saravá seu cordão preto (meu, Santo Antônio)
Eu sou filho seu
Abençoi meus inimigos
Meu Santo Antônio pelo amor de Deus. (2x)

Mais atividades de infancialização

Nos anos de 2018 e 2019, nas cidades de Salvador-BA, São Paulo-SP, Belém-PA e Nova Iguaçu-RJ, realizamos atividades de infancialização com grupos diversos formado por muitas professoras. Num ambiente confortável, as pessoas deitaram-se sobre esteiras de palhas. Nós propomos uma paisagem sonora que se configura basicamente de uma gravação das batidas do

coração de uma mulher grávida. Vale dizer que o compositor e pesquisador da área de música, Raymond Murray Schafer usou o neologismo *Soundscape* para fazer analogia com *Landscape* (paisagem). De acordo com Schafer, o termo se refere ao campo sonoro no qual nos encontramos um tipo de composição coletiva, reunião de sons que são percebidos de acordo com a atenção de quem ouve. Afinal, “A percepção é algo subjetivo. Ela depende de alguma contribuição feita pelo observador” (GIBSON, 1950, p. 13).

A primeira parte da atividade está justamente em criar um ambiente sonoro e tátil oferecendo uma temperatura próxima a do útero (38° C.) e pouca iluminação. A recomendação é que por um período mínimo de 30 minutos por cinco dias seguidos, essa experiência seja realizada. Depois desse período, a proposta é que a pessoa converse com um familiar mais velho, seja a mãe, pai, na ausência de um parente, pode buscar as histórias sobre a sua gestação ou a respeito dos pais. O que importa é buscar os fragmentos de memórias, narrativas e qualquer tipo de informação a seu respeito e por mais um período de cinco dias, continuar realizando essa vivência. Outra maneira reduzida de realizar a primeira etapa dessa atividade está em realizar a vivência fetal por um período de 1h num dia, experimentando a temperatura ambiente de 38°C. e a paisagem sonora das batidas de um coração de uma mulher grávida e de um bebê, criando uma composição acústica. A proposta é convidar as pessoas para um parto, criando condições para experimentação de alguns momentos de suas infâncias através de brincadeiras. A segunda etapa, “pós-nascimento”, é o encontro com outras pessoas. Daí, numa sala com brinquedos e as pessoas participantes podem brincar e interagir livremente. Na terceira etapa, a recomendação é um diálogo com a tradição dagara apresentada por Sobonfu Somé e Malidoma Patrice Somé; a proposta é uma atividade de conexão com os cinco elementos como dispostos na cosmovisão Dagara. Vale a pena comentar o que Sobonfu Somé diz em *Casa do Espírito de Boas Vindas: Antigos ensinamentos africanos para comemorar as crianças e a comunidade*. De acordo com Somé, na cultura dagara quando uma mulher está grávida, ela senta-se debaixo de uma árvore e aprende a canção da criança que vai nascer. Em seguida, ela ensina essa canção para toda a comunidade e conversam a esse respeito com o pai da criança. Todo mundo precisa aprender a canção dessa criança e recebê-la cantando quando ela chegar. É muito importante que todas as crianças cresçam sabendo a sua canção, todos devem cantar tanto em situações de alegria e celebração, quanto de erros e confusões causadas pela pessoa. Por isso, se uma criança se machuca, a canção é cantada; mas, se ela faz algo muito errado quando adulta, a canção é

cantada. Do mesmo modo, que uma pessoa ouve a sua música se fizer algo extraordinário. Pois bem, a terceira etapa das atividades atravessa todo o percurso, as pessoas devem buscar a sua canção. ZEI é um território para que as pessoas encontrem a sua música, o seu ritmo, o seu biorritmo e possam celebrar isso junto com outras pessoas. A proposta é que cada pessoa compartilhe a sua música e as outras pessoas possam cantar essa música para ela. ZEI deve organizar uma roda em que cada pessoa tenha condições de escutar a sua canção entoada pelas outras pessoas.

Referências

- AGOSTINHO Santo, Bispo de Hipona. **Confissões**. São Paulo: Nova cultural: 1996.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2020.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CARROUGES, Michel. **As máquinas celibatárias**. Belo Horizonte: Relicário; São Paulo: n-1 edições, 2019.
- CARVALHAES, Ana Goldenstein. **Persona performática. Alteridade e experiência na obra de Renato Coehen**. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- COUCHOT, Edmond. **A natureza da arte: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 5.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FANON, Frantz. **Alienação e liberdade: escritos psiquiátricos**. São Paulo: Ubu, 2020.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e a acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.
- GIBSON, James. **The perception of visual world**. Cambridge: The Riverside Press, 1950.
- GUATTARI, Félix. Guattari, o paradigma estético. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 29-34, 1993.
- LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do déficit de natureza**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: N-1 Edições. 2018.
- NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, n. 48, p. 533-554, 2020. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/7149/47966774>. Acesso em: 20 ago. 2020.

NOGUERA, Renato, BARRETO, Marcos. Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. **Childhood e philosophy**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 31, p. 625-644, set./dez. 2018.

SIMONDON, Gilbert. **Do modo de existência dos objetos técnicos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

SLOTERDIJK. Peter. **Esferas I. Bolhas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

STERN, Daniel. Pre-reflexive experience and its passage to reflexive experience. *In*: PETITMENGIN, Claire. **Tem years of viewing from within**. Charlottesville, USA: Imprint-academic.com, 2009. p. 307-331.

WOOLF, Virginia. **O tempo passa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

UEXKUL, Jakob Von. **Dos animais e dos homens**. Digressões pelos seus próprios mundos. Lisboa: Oficinas Gráficas de Livros do Brasil, 1960.

Nota soft assembly: Daniel Stern (2009) em sua abordagem da questão do desenvolvimento, ao incluir a diferença de natureza na experiência vital, trabalha com a distinção que difere da lógica da classificação (fases). Colocando a sensação de existir – a experiência vital com fluxos, sentidos, verbos, compartilhamentos de estados etc. – na passagem de um sistema de organização a outro e de territórios coexistentes da experiência reflexiva (domínios pré-verbal, não-verbal e verbal da experiência vivida). E, considerando que a maquinação do desenvolvimento se dá não apenas por via evolutiva, por assimilação/acomodação (PIAGET, 1978) ou saltos qualitativos do motor dialético de revoluções críticas e discursivas (VYGOTSKI, 1984), mas também por desmontagem e recomposição de territórios em soft assembly, numa via brincante, inventiva de junções leves e dinâmicas (ginga e gira) de onde emergem novos possíveis, a cada resolução de uma tensão existencial outras vagas de virtuais (devires) trazem margens de invenção e continuidade dos existentes: atuais (viventes), por vires (estados nascentes e seres que virão) e rememorados ou encantados (ancestrais).